



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS
CFCH – CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

FABIANA RIBEIRO DA SILVA

FAMÍLIA E ESCOLA:
UMA PRÁTICA PEDAGÓGICA POSITIVA NO ENSINO DA GEOGRAFIA

RECIFE-PE
2025

FABIANA RIBEIRO DA SILVA

**FAMÍLIA E ESCOLA:
UMA PRÁTICA PEDAGÓGICA POSITIVA NO ENSINO DA GEOGRAFIA**

Trabalho de Conclusão apresentado
ao Curso de Graduação de
Licenciatura em Geografia da
Universidade Federal de
Pernambuco, como requisito parcial
para obtenção do título de
Licenciado.

Orientador (a): Josias Carvalho

RECIFE-PE
2025

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Ribeiro da Silva, Fabiana .

Família e escola: Uma prática pedagógica positiva no ensino da geografia /
Fabiana Ribeiro da Silva. - Recife, 2025.
27p. : il.

Orientador(a): Josias Ivanildo Flores de Carvalho

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de
Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Geografia -
Licenciatura, 2025.

Inclui referências.

1. Prática pedagógica positiva no ensino da geografia. I. Flores de Carvalho
, Josias Ivanildo . (Orientação). II. Título.

370 CDD (22.ed.)

FAMÍLIA E ESCOLA:
UMA PRÁTICA PEDAGÓGICA POSITIVA NO ENSINO DA GEOGRAFIA

Trabalho de Conclusão apresentado
ao Curso de Graduação de
Licenciatura em Geografia da
Universidade Federal de
Pernambuco, como requisito parcial
para obtenção do título de
Licenciado.

Aprovado em: 07/04/2025

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dr. Josias Ivanildo Flores de Carvalho
(Orientador) Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Francisco Kennedy Silva dos Santos (Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Me. Daniel Victor Neves Raposo (Examinador Externo)

AGRADECIMENTOS

As Tutoras do curso de licenciatura em geografia Ead que tanto se dedica e está sempre a disposição a nos ajudar.

RESUMO

A presente pesquisa foi fundamentada em revisão bibliográfica buscando compreender de que maneira a parceria escola/família impacta no aprendizado do ensino da geográfica favorecendo assim a compreensão mais ampla para os alunos sobre o espaço geográfico. Para isso, analisamos alguns referenciais bibliográficos no que concerne a parceria entre família e escola para o desenvolvimento cognitivo dos alunos. Através de uma revisão bibliográfica qualitativa com pesquisas em fontes reconhecidas, como SciELO, PubMed, Portal de Periódicos CAPES, dissertações da UFPE e a Revista de Geografia da UFPE, que possibilitou a identificação dos argumentos utilizados para compreender como a relação entre a família e a escola contribui para uma reflexão aprofundada sobre a temática.

Palavras Chave: Participação da família, Educação de qualidade, Sucesso escolar.

ABSTRACT

This research was based on a bibliographic review seeking to understand how the school/family partnership impacts the learning of geography teaching, thus favoring a broader understanding of geographic space for students. To this end, we analyzed some bibliographic references regarding the partnership between family and school for the cognitive development of students. Through a qualitative bibliographic review with research in recognized sources, such as SciELO, PubMed, CAPES Periodical Portal, UFPE dissertations and the UFPE Geography Journal, which made it possible to identify the arguments used to understand how the relationship between family and school contributes to an in-depth reflection on the subject.

Keywords: Family participation, Quality education, School success

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1. Modelo de esferas sobrepostas.....	20
--	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

F/f	Família
E/e	Escola
C/c	Criança
P/p	Pais
Prof/prof	Professor

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	10
2. REFERENCIAL TEÓRICO.....	13
3. CONCLUSÕES / CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	24
4. REFERÊNCIAS.....	26

1. INTRODUÇÃO

A abordagem da integração entre a família e a escola é indispensável para o desenvolvimento acadêmico e socioemocional do discentes, iremos refletir sobre a primeira mediadora do indivíduo que é a estrutura familiar e a escola como norteadora do conhecimento adquirido ao longo da vida acadêmica (Amazonas, Damscendo, Terto e Silva, 2003; Krepper, 1992, 2000)

A família é o primeiro ambiente onde a criança aprende a interagir com o mundo, internaliza valores e começa a construir sua identidade. De acordo com Szymanski (2003), é nesse contexto que os discentes encontram seus primeiros referenciais e aprende a dar significado às suas experiências, o que influencia diretamente sua formação como sujeito.

A colaboração entre essas estruturas gera seres humanos mais confiantes o que consequentemente melhora seu desempenho escolar, os alunos por consequência evoluem de forma progressiva e satisfatória no seu desempenho acadêmico o que é perceptível na mudança comportamental em casa e na escola.

Maranhão (2004, p. 89-90) destaca a relevância da parceria entre família e escola, ressaltando que pais, professores e a comunidade fortaleçam seus vínculos, transformando a educação em um esforço coletivo. No entanto, não cabe aos professores assumir a responsabilidade de educar os pais, pois seu foco principal deve ser o aluno, independentemente de sua história familiar e das influências que carrega (Maranhão, 2004).

O ensino da geografia trás para alunos questões globais e locais, como desigualdade social, mudanças climáticas, conflitos territoriais, questões ambientais, e movimentos migratórios, os tornando cidadãos autônomos e participantes.

É importante ressaltar que, quando há essa união entre esses dois pilares do crescimento humano se tem menos evasão escolar além de criar um ambiente de confiança e cooperação beneficiando toda a comunidade escolar (Reis, 2007).

Vale ressaltar que, o entendimento do papel fundamental dessa integração Família-Escola é fundamental para um desenvolvimento global dos alunos tendo como garantia um ambiente de aprendizado acolhedor e mais eficaz quando há essa parceria entre os responsáveis e docentes, o educando que recebendo esse suporte fortalece a autoestima o que motiva uma evolução constante nos estudos.

A escola surgiu para complementar a educação familiar, por isso a necessidade dos pais sempre estarem buscando acompanhar o desempenho educacional de seus filhos. Quando há essa relação de troca o aluno se torna mais seguro (Reis, 2007).

É importante destacar que essa cooperação permite que a comunidade escolar possa ter um olhar mais individualizado dos alunos, possibilitando uma comunicação personalizada, além disso auxilia na formação de valores para vida, logo, esse convívio integral entre a Escola e a Família deve ser estimulada por meio de constante comunicação que pode ser em reuniões, projetos no qual haja uma participação direta dos responsáveis dos alunos para assim ensinar uma educação eficiente.

Nesse sentido através de revisão bibliográfica de artigos da SciELO, PubMed, Portal de Periódicos CAPES, dissertações da UFPE e a Revista de Geografia da UFPE tentaremos entender de que maneira a relação entre família e escola pode influenciar no processo de aprendizagem da ciência geográfica, contribuindo desta forma na construção de um conhecimento mais amplo do espaço.

Dessa forma, o objetivo geral é analisar, por meio de revisão bibliográfica, a influencia da parceria entre escola e família no desenvolvimento cognitivo dos alunos, com ênfase na aprendizagem geograficos sob diferentes perspectivas.

Para alcançar essa finalidade, teremos os seguintes objetivos Específicos: Descrever a interação escola e família com base em publicações acadêmicas publicadas em periódicos indexados na SciELO, PubMed, Portal de Periódicos CAPES, dissertações da UFPE e a Revista de Geografia da UFPE; investigar de que maneira o ensino da Geografia, junto a estrutura familiar, pode contribuir na formação cidadã de senso critico; Analisar como a participação familiar no processo educacional provoca a curiosidade dos estudantes ao explorar temas geográficos, como espaço, território e meio ambiente.

A metodologia proposta foi uma pesquisa baseada em revisões bibliográficas onde possibilitou ter uma base descritiva no que concerne o ambiente convergente entre a família e a escola, verificando as coexistências do aprendizado dos indivíduos em cada ambiente de vivência, seja ele escolar e suas multidisciplinaridades ou a influências das práticas educacionais familiares.

As práticas educacionais familiares referem-se às ações cotidianas que os responsáveis realizam visando o desenvolvimento integral dos filhos, incluindo o

acompanhamento das atividades escolares, incentivo à leitura, diálogo sobre temas aprendidos na escola, estabelecimento de horários de estudo e organização de um ambiente adequado para as tarefas (De Mendonça; Araújo, 2024).

Essas práticas também abrangem o reforço de valores como responsabilidade, respeito e solidariedade, os quais influenciam diretamente a postura do aluno diante dos estudos e das relações sociais na escola. Além disso, a valorização da educação pelos pais, por meio do interesse e participação em reuniões escolares e em atividades propostas pela escola, demonstra aos alunos a importância do processo educativo em sua formação (Batista et al, 2019).

Outro ponto relevante das práticas educacionais familiares é o estímulo à curiosidade e ao pensamento crítico, seja por meio de conversas sobre acontecimentos locais e globais, seja pelo incentivo ao questionamento e à busca por informações. No contexto do ensino de Geografia, por exemplo, os pais podem auxiliar os filhos a identificar no cotidiano questões relacionadas ao espaço, território e meio ambiente, fortalecendo os conteúdos trabalhados em sala de aula (Júnior, 2023). Essas práticas contribuem para que o aluno se sinta apoiado, ampliando seu interesse e engajamento no processo de aprendizagem e, conseqüentemente, favorecendo seu desempenho escolar e a construção de uma postura cidadã consciente.

O Juízo crítico construído para o desenvolvimento de uma pesquisa de referências bibliográficas qualitativa segundo Marconi e Lakatos é que “toda pesquisa deve basear-se em uma teoria, que serve como ponto de partida para a investigação bem-sucedida de um problema [...]” (2007, p. 17). Os autores além de argumentar valorizam a revisão de literatura em uma pesquisa defendendo que a teoria subsidia os resultados.

Neste sentido, foram selecionados uma coleção sobre o tema “Interação Família Escola” no SciELO, Pubmed, Portal de periódicos CAPES, dissertações da UFPE, revista de geografia UFPE e outros, pesquisa realizada de outubro de 2024 a fevereiro de 2025 pela significância que as mesmas tem no âmbito do crescimento do intelecto do indivíduo.

Assim, foi verificado as principais ferramentas e argumentos utilizados nas diversas visões científicas, que proporcionou um entendimento significativo sobre o tema abordado.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

A Constituição Federal de 1988 estabelece princípios fundamentais que orientam as políticas públicas educacionais no Brasil. Entre esses princípios, destaca-se o reconhecimento da educação como um direito social indispensável ao desenvolvimento humano e à construção da cidadania. A educação é vista como um instrumento de transformação, capaz de promover inclusão, equidade e oportunidades. Nesse contexto, o artigo 205 ressalta a responsabilidade compartilhada entre Estado, família e sociedade no processo educativo. Como previsto no referido artigo 205 da Constituição Federal de 1988 expõe que:

[...] A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (Brasil, 1988).

Portanto, a legislação estabelece que a família tem o papel de educar, não deixando apenas esta função para a escola. Da mesma forma, na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) que regulamenta e garante a educação de todas as pessoas no território nacional, podemos extrair o que a LDB tem por princípios e fim da educação nacional, de acordo com o Art. 2º:

[...] A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (Brasil, 1996).

A partir disto, a contribuição da escola na ampliação do desenvolvimento da criança ou adolescentes é de fundamental importância, pois, ela influencia no acréscimo do saber sociocultural organizado em áreas multidisciplinares. Além das especificações científicas das disciplinas, a instituição escolar buscar formar cidadãos que sejam engajados no conhecimento cívico e político para a construção de uma sociedade mais igualitária Ananias (2000). Neste sentido o corpo docente visa ir além dos conteúdos programáticos da escola, formando indivíduos críticos, agentes transformadores, num ambiente de ideias e valores.

Segundo Carvalho; Santos (2023), os estudantes compreendam a sociedade e atuam nela, assim o conhecimento da Geografia escolar possibilita que os alunos tenham uma consciência da complexidade do mundo contemporâneo.

O Processo escolar tem uma significativa melhora ou contribuição entre os alunos quando se tem o envolvimento dos tutores legais no processo do saber, bem como o inverso acontece no ambiente familiar no sentido da aprendizagem, influenciando positivamente em todo processo (Smith, 1980; Epstein 1986; Wonfendale, 1992).

O professor tem o papel de orientar, direcionar e intervir nos interesses dos alunos, promovendo a mediação didática (Libaneo 2009), as duas instituições escola e família possuem interesses comuns, mas cada uma com sua forma de educar (Szymanski 2003 p.101). Desta maneira a família passa a participar da escola de diferentes maneiras.

Mesmo que a escola tenha o poder transformador do conhecimento, que pode modificar aspectos negativos em positivos, a própria instituição minimiza ou ignora ações advindas de outros contextos fora de sua jurisdição mais que influência significativamente o aprendizado formal do aluno. Bartolome (1981). propôs desde os anos 80 que a escola e a família agissem de forma sistêmica e complementar, pois ambos (professores e pais) são responsáveis pelo desenvolvimento do aluno.

É importante ter o entendimento que o meio escolar também sofrerá forte influência do ambiente fora de sua estrutura, pois o indivíduo (Aluno/Filho) já vem com uma base educacional familiar extra escolar que são distintos e dependem da sua convivência local, como classe social, tipo de moradias e estilos de vida, que pode vir a dificultar o acesso à educação devido a influência da região.

Logo, na visão de Rego (1995), a construção do saber tem que ser de forma partilhada, uma vez que a relação do objeto do conhecimento “O saber” dos indivíduos está diretamente ligada a comunidade que o circunda. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), embora tenha como foco principal a definição das competências e habilidades essenciais para a formação dos estudantes, também dialoga com princípios que envolvem a gestão democrática nas escolas.

Ao enfatizar o desenvolvimento da cidadania, do pensamento crítico e da participação ativa dos estudantes na sociedade, a BNCC estimula práticas pedagógicas que valorizam o diálogo, a escuta e o protagonismo discente (Brasil, 2018).

Tais aspectos estão diretamente ligados à gestão democrática, pois promovem uma cultura escolar participativa, onde todos os atores — alunos, professores, gestores, famílias e comunidade — contribuem para a construção coletiva do ambiente educativo.

Já a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), em seu artigo 14, estabelece que os sistemas de ensino devem assegurar a participação dos profissionais da educação na elaboração do projeto pedagógico da escola e a participação da comunidade escolar e local em conselhos escolares ou equivalentes (Brasil, 2018).

Esse dispositivo legal reforça a importância da gestão democrática como princípio fundamental da educação, promovendo a corresponsabilidade na tomada de decisões e a transparência dos processos escolares. Dessa forma, tanto a BNCC quanto a LDB contribuem para fortalecer uma escola mais justa, inclusiva e comprometida com a formação cidadã dos estudantes (Brasil, 2018).

O sistema educacional surge como um sistema evolutivo da sociedade humana, portanto, fundamental para o indivíduo (Rego, 2003). Já família moderna se adapta as novas tendências das mudanças sociais a, ou seja, de conflitos entre as regras antigas e a conexão entre as novas (Chaves; Cabral; Ramos; Lordelo; Mascarenhas, 2002).

Isso leva a corroborar que a presença dos pais é de fundamental importância para reverter possíveis fracassos escolares, com os atuais avanços tecnológicos, econômicos e sociais. A família tem mudado seu papel de estruturas tradicionais, onde os pais tem negociado suas responsabilidades. As escolas também mudaram para dar aos alunos uma educação adequada à nossa época. A aproximação entre esses dois poderes educadores é relevante para rever os papéis adequados para a atualidade.

A escola tem o papel de planejar e aplicar o conteúdo programático curricular, no entanto, isto só terá efeito se o aluno for atendido na outra ponta do saber por familiares. A família tem que acompanhar o crescimento intelectual, bem como as necessidades do aluno. Ensminger e Slusarcick (1992) falam que a instrução

qualitativa e organizacional da escola é confirmada como aspectos que contribuem para a melhoria do sistema.

É na escola que os elementos fundamentais no processo de socialização dos alunos se fundamentam. As duas instituições formadoras do ser humano, tanto a família, quanto a escola deveriam viver integradas, pois, uma depende da outra.

A educação precisa se atualizar, tendo as famílias mais conscientes e próximas, sabendo o seu papel crucial na formação e na outra ponta as escolas fortalecendo os agentes educativos, tornando-os mais visíveis, (Pereira, 2008).

Por ter um espaço social próprio a escola possui um conjunto de normas e regras que busca a integração e unificação dos atos dos alunos, pois, neste ambiente existe um espaço sociocultural bem diversificado. Por ser uma instituição complexa que inclui união e conflitos, neste sentido deve-se ter um processo constante de práticas de saberes, bem como uma ação contínua de reciprocidade (Ezpeleta; Rockwell, 1986).

O aprendizado é um processo geral que o ser humano passa antes mesmo da idade escolar, pois a família será sua base de referência do ambiente que a envolve, e a escola irá exercer influência no amadurecimento das ideias, permitindo assim o desenvolvimento do indivíduo (Rego, 1995).

A base familiar é conjunto de indivíduos que se molda dependendo da estrutura social no qual está inserida, logo, ele é agente ativo da modelagem do grupo ao qual faz parte. Assim, tem uma contribuição na cultura e comportamento da sociedade (Saraceno, 1988) A escola por ser um ambiente multidisciplinar composta por pessoas de diferentes propostas de ensino familiar que se apresentam como mediadores de experiências, refletindo no seu ambiente interno uma complexa inter-relação entre família/escola (Dubet, 1996).

De modo geral a socialização entre familiares é uma abordagem psíquica, entendendo que a família tem uma relação de identidade e identificação moral e afetiva (Berger; Luckman, 1983). É no ambiente familiar que o indivíduo tem os pais como referência de interação social por valores afetivos e emocionais (Singly, 2000a; Dubar, 2000).

A família é um sistema de união composta de pessoas, isso vai além de sobrenome e residência na mesma casa. Fundamentada pelas relações construídas diariamente através de compartilhamento de experiências, um emaranhado de emoções compartilhadas, de intimidades, angústias, felicidades, ideais, entre outros.

Já escola, sociabiliza estes pensamentos adquiridos entre as famílias, abrindo um canal que externa sentimentos, socializando informações antes contidas apenas em um ambiente, ampliando o campo de visão dos alunos, onde eles vão aprender a respeitar outras culturas de pensamentos (Parolin, 2007). É nesse ambiente que os objetivos se misturam (Parolin, 2007).

O indivíduo cria seus primeiros vínculos de aprendizado na primeira infância com a família, com a participação e convivência em sociedade. Ninguém nasce sabendo o certo ou errado, o bom ou o ruim, é aí que os pais se inserem, bem como os professores e os demais participantes desse ciclo de aprendizado, (Parolin, 2007)

Neste sentido, é necessário o envolvimento dos pais e que eles tenham essa consciência de acompanhamento dos estudos dos filhos para estimular o interesse e participação do aluno nas atividades, sejam sociais ou educativas. Quando isto acontece, os filhos se sentem valorizados. Os filhos geralmente seguem exemplos, então para uma educação construtiva e de máximo aproveitamento os pais tem que assumir o compromisso de exemplificar com atitudes (Ttiba, 1998).

[...] A participação dos pais na vida da escola tem sido observada em pesquisas, como um dos indicadores mais significativos na determinação da qualidade do ensino, isto é, aprendem mais os alunos cujos pais participam mais da vida da escola (Heloísa Lück, p.86, 2010).

A família bem como a escola tem o papel de instruir o indivíduo em idade escolar para a inclusão na sociedade, que possui normas de convívio Szymansky (2010). Os métodos educacionais de modo geral tentam adequar os comportamentos fora dos padrões morais da sociedade no intuito de promover o que são desejáveis aos pais e educadores. (Alvarenga; Piccinini, 2001; Bolsoni-Silva, Marturano, 2002; Ferreira; Marturano, 2002; Goldwater; Nutt, 1999).

As normas de convívio mencionadas referem-se a um conjunto de regras sociais e comportamentais que orientam a vida em sociedade e são transmitidas tanto pela escola quanto pela família. Entre essas normas, destacam-se o respeito ao próximo, o cumprimento de regras, a responsabilidade, a empatia, a cooperação, a solidariedade, a ética e a resolução pacífica de conflitos. Elas envolvem atitudes como saber ouvir, respeitar diferenças, cumprir horários e instruções, cuidar dos próprios pertences, ajudar colegas, compreender os sentimentos dos outros e agir

com honestidade. Essas diretrizes são fundamentais para o desenvolvimento social e moral dos indivíduos, preparando-os para viver em coletividade de maneira harmoniosa, ética e responsável.

Foi realizado um estudo científico que evidenciou os benefícios da parceria família/escola na formação básica do aluno indicando que essa junção foi compensatória para ambas as partes. Com a ação conjunta de reuniões entre pais e docentes para cada qual esporem seus papéis, no intuito de ajudar pais e professores com trocas de experiências, houve um engajamento que deve ser fortalecido, pois se limitá-los pode resultar em consequências variadas, (Jowett; Baginsky, 1988).

[...] Compreendendo que a educação é um processo construído em parceria, cabe à família e à escola buscarem numa direção única „olhar “, terem ações e estratégias que visam um fim em comum: o ser integral, como cidadão ético, instrumentalizado (Castro, p.55, 2011).

A forma de agir do aluno é intrinsecamente ligada ao contexto social no qual ele está inserido. Na atualidade, é percebido que o egocentrismo nas relações humanas como também seu isolamento através das tecnologias ficou mais acentuado, onde os indivíduos se agrupam por afinidades de interesses, neste sentido, o “EU” não é construído pelos pais e sim através do convívio educacional simultâneo entre a escola e a família. (Vasconcellos, 1999).

Segundo Parolin (2007), ambos família e escola têm de se apoiar para favorecer o crescimento do desenvolver do indivíduo, o que fortalece suas responsabilidades no que concerne a vinculação e gestão estratégica do cunho pedagógico no processo crescente de formação. Assim, as instituições formadoras tem que permitir que as crianças/adolescentes experimentem frustrações para crescer no âmbito pessoal e científico, pois o erro ensina a amadurecer, bem como eles compreendem a dinâmica da vida. Portanto, elas compartilham a missão de instruir para que os educandos não desenvolvam uma dinâmica acomodada.

Mesmo com a distinção da educação, onde cada qual tem seu papel, é sabido que a base familiar e escolar tem objetivos convergentes no que diz respeito ao crescimento do ser humano como é mostrado na tabela 2, segundo Brandt (1989)

A igualdade de oportunidade e aprendizagem para os educandos vem da escola, onde está deve ser verdadeiramente articulada e ter seus interesses voltados para o crescimento total do intelecto do aluno em conjunto com seu entorno (Soares,1997).

As relações no passado entre família e escola eram menos frequentes e mais restritas por natureza, ou seja, a troca de experiências limitadas, segundo Montandon (2001).

[...] A maioria das famílias não se relacionava com a escola, (...). Assim, em geral os pais não eram admitidos na esfera escolar e as relações família escola, tal como as preconizamos atualmente, não existiam nas cidades. E, se é verdade, que no quadro de comunidades mais pequenas como as vilas ou aldeias, o professor, principalmente o do primeiro ciclo, desempenhava um papel mais alargado do que nas cidades e estabelecia relações com as famílias, não podemos pensar que nas zonas rurais os pais tinham uma maior intervenção no plano pedagógico do que nas cidades (Montandon,2001, p. 13-14).

Na atualidade, a família e a escola intensificaram suas relações de forma nunca vista antes Terrail (1997). A presença familiar nos estabelecimentos escolares e a maior participação na escola tornaram-se mais corriqueiros. Os eventos tradicionais como reunião de pais e mestres se diversificaram, as comunicações se tornaram mais plurais, envolvendo palestras, cursos, contatos por telefone, conversas na entrada e saída das aulas (Perrenoud, 1995).

Foi elaborado um modelo de esferas sobrepostas (figura 1) por Epstein (1987) que mostra a relação entre esses dois sistemas família/escola que representa as duas instituições em favor do aluno.

Segundo Epstein, a Força **A** representa a faixa etária do aluno e a época, pois acreditava-se que os valores e conceitos estavam intrínsecos ao tempo vivido no sentido histórico, como idade e série. A força **B** representa a contribuição dos pais e a **C** são as experiências, práticas, filosofias, métodos e influência dos professores. Estas unidades criam um ambiente dinâmico de relacionamento entre a família e a escola.

Este modelo sofre rearranjos constantes de sobreposição e separação das esferas quando há mudança de comportamento entre os pontos **A**, **B** e **C**, ou seja, o engajamento tem que ser constante mesmo sabendo que as

três forças são interdependentes e precisam ser trabalhadas juntas. De forma prática as três forças A, B e C não atuam de forma isolada, mas se sobrepõem e se reconfiguram constantemente, dependendo das mudanças de comportamento e engajamento de cada esfera. Por exemplo, se os pais se tornam mais participativos (força B), isso pode impactar a relação com a escola (força C) e refletir no desempenho do aluno (força A).

Podemos ler o modelo desta forma: as letras minúsculas são representadas pela escola, as maiúsculas representam a família, exposto desta forma (F/f- Família E/e- Escola C/c- Criança , P/p- Pais e Prof/ prof- Professor).

Esta estrutura reforça que a parceria entre família e escola é essencial e deve ser mantida de forma ativa para garantir um ambiente propício ao desenvolvimento do aluno fortalecendo assim o aprendizado.

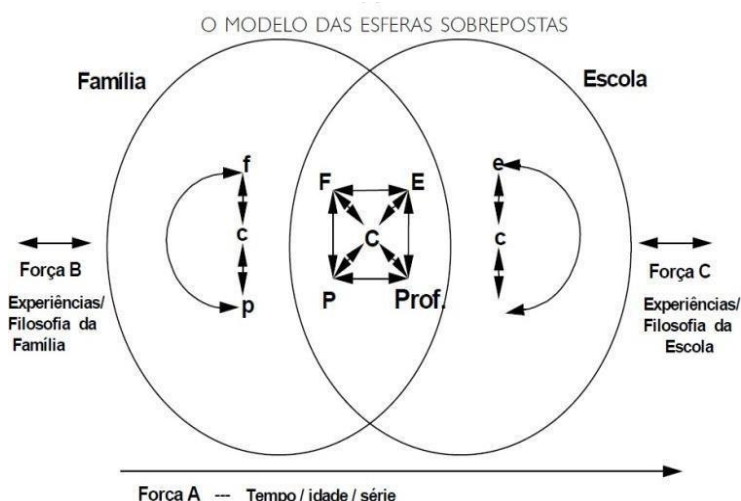


Figura 1: modelo de esferas sobrepostas. Fonte: Epstein, Kaufmann, Losel, 1987

Através das análises expostas nas publicações científicas, pode-se constatar que de fato, quando há o envolvimento dos pais ou responsáveis na escola, há uma potencialização na forma de percepção social e educativa fortalecendo assim o engajamento dos alunos no que concerne o ambiente escolar.

Acredita-se que a interposição da escola com a família mostra resultados satisfatórios, o que veio a endossar as informações encontradas em outras pesquisas. No entanto, é sabido que não é algo fácil esse envolvimento, mas também não é impossível, o desejável é ter iniciativas proativas que

interajam com as realidades dos contextos para criar uma harmonia e assim melhorar o aproveitamento do indivíduo.

Assim percebe-se que o envolvimento dos pais ou responsáveis no processo escolar contribui significativamente para a ampliação da percepção socioespacial dos alunos, fortalecendo seu engajamento no aprendizado na disciplina de geografia com resultados positivos, adotando iniciativas proativas que dialoguem com as realidades dos contextos socioespaciais dos alunos.

O espaço de vivência entre família e escola é uma tarefa árdua e não deve ser enfrentada de maneira idealista. É necessário a vivência de experiências que sirvam de motivação e influenciem a relação família/escola (Baker; Kessler-Skar; Piotrowski; Parker, 1999; Carvalho, 2000; Coleman Chrchill, 1997; Epstein, 1986; Dauber, 1991).

De modo geral, as duas formas educacionais têm que se integrar, haja visto que quando há uma integração entre os poderes de tutores (pais) e docentes (escola) os indivíduos geralmente repetem os passos ensinados (Dessen, 2005). Polonia e Senna (2005) afirmam que uma abordagem multi-metodológica permite de modo mais palpável a inter-relação dos dois ambientes, mesmo com seus padrões e peculiaridades.

Um ponto importante a ressaltar é que a escola tem que motivar os pais (família) a ter e/ou manter esta relação próxima com a instituição educacional, pois, a mesma é um espaço contínuo de vivência dos alunos. Os familiares não precisam ir à escola apenas para saber das notas ou possíveis informações desagradáveis dos filhos, eles têm que comparecer para interagir e potencializar a educação. Quando há uma participação da família os estudos revelaram que as habilidades dos alunos na escola apresentam um melhor aproveitamento.

Assim, se concretiza uma democratização e cidadania, tendo aspectos positivos, porém sabendo que o sistema escolar está apenas como mediadora do aprendizado. É necessário que sempre haja a aproximação entre estas duas vertentes educacionais, levando em consideração os seus pontos em comum no que se refere ao desenvolvimento do indivíduo, elaborando projetos de aproximação continua no qual valorize a participação familiar e os docentes. Desta forma, vindo a cumprir de maneira satisfatória a união entre

ambos, fortalecendo assim o crescimento dos alunos. A colaboração é necessária para enfrentar os desafios que existem nestes ambientes, sabendo que é uma tarefa complexa de interesse de pesquisadores, (Polonia; Dessen, 2005). Embora seja potencializadora de aspectos de socialização e difusora de conhecimentos, a escola passa por crises do dia a dia, gerando conflitos como a violência, a evasão e falta de apoio de algumas famílias, o que leva a ter certeza que o apoio familiar é de extrema necessidade (Soares et al 2000).

As situações problemas que surgem ao longo do ano letivo e envolvem a família e a escola devem ser contornadas de forma harmoniosa pelos docentes e entendendo que essa ponte de ligamento deve ser de responsabilidade da escola, pois foram instruídos para isto. Os parâmetros para esta relação não devem se basear apenas na função de orientar os pais sobre como ensinar seus filhos, como tem preconizado a escola.

Nesse sentido, a informalidade e descontração nas reuniões possibilita uma conversa mais aberta, onde, a escola faz esta ponte. Os trabalhos e esforços das escolas permitiram que as famílias mudassem seu modo de ver a instituição. Em pouco tempo foi notório o maior interesse dos pais com relação no desempenho dos filhos na escola.

A escola tem que usufruir de todos os métodos possíveis para aproximar a família diretamente o que vai possibilitar trocar experiências significativas em relação aos seus objetivos, recursos, problemas e até questões pedagógicas. (Paro, 1992). Para superar os desafios de vivências e educar é necessário que se desenvolvam pesquisas que invistam no conhecimento dessa inter-relação família/escola.

Um levantamento das escolas que possuem ferramentas que possibilitem a aproximação entre família e escola é fundamental para compreender como se dá essa relação na prática e quais recursos estão sendo utilizados para fortalecê-la. Essas ferramentas podem incluir plataformas digitais de comunicação, como aplicativos escolares, grupos de mensagens instantâneas, sistemas de gestão escolar com acesso dos responsáveis, espaços físicos adequados para encontros presenciais, além de iniciativas como conselhos escolares, projetos integradores e reuniões pedagógicas abertas à comunidade.

Mapear essas estruturas permite identificar boas práticas, avaliar

desigualdades no acesso a tecnologias e propor políticas públicas que incentivem a implantação de instrumentos eficazes para o diálogo contínuo entre escola e família. Esse tipo de diagnóstico também possibilita verificar se tais ferramentas estão sendo utilizadas com intencionalidade pedagógica e se, de fato, geram impacto positivo no engajamento dos pais e no desenvolvimento dos alunos.

A figura proposta por Epstein ilustra, de maneira visual e conceitual, uma teia de interdependência que vai além da simples colaboração entre escola e família. A sobreposição das esferas indica que não existem fronteiras rígidas entre esses ambientes, sugerindo que as aprendizagens escolares podem — e devem — se estender ao ambiente familiar, ao mesmo tempo em que a vivência doméstica precisa ser reconhecida e valorizada como parte do processo formativo do aluno.

Esse modelo também pode ser interpretado sob uma perspectiva sistêmica, onde cada esfera funciona como um subsistema dentro de um sistema maior: a educação do sujeito. Alterações em uma esfera repercutem nas demais, exigindo constante adaptação. Por exemplo, um professor que muda sua abordagem para ser mais acolhedor pode atrair maior envolvimento dos pais, o que, por sua vez, reflete positivamente no comportamento e desempenho do aluno.

Além disso, as sobreposições das esferas representam espaços de mediação que favorecem o diálogo, a escuta e o reconhecimento mútuo entre os envolvidos. Esses pontos de encontro — como reuniões, projetos integrados e eventos escolares — não devem ser apenas formais, mas sim construídos com intencionalidade pedagógica para gerar confiança, pertencimento e parceria.

Outro ponto importante que o modelo de Epstein nos permite refletir é a necessidade de personalização das relações. Cada aluno, família e escola apresenta características únicas, e a sobreposição ideal dessas esferas não segue um padrão universal. Assim, é preciso pensar em estratégias diversificadas de aproximação, que respeitem a realidade social, econômica e cultural dos envolvidos, valorizando a escuta ativa e as especificidades de cada núcleo familiar.

A figura também pode ser analisada a partir de uma lógica de cocriação

do conhecimento. Quando as esferas se sobrepõem de maneira intencional, cada parte não apenas participa, mas constrói coletivamente o processo educativo. Isso rompe com a visão tradicional de que a escola detém o saber e a família apenas acompanha; ambas passam a ser produtoras de conhecimento e experiência pedagógica.

Sob uma leitura contemporânea, esse modelo reforça a urgência de tecnologias de comunicação e interação para manter as esferas conectadas, principalmente em tempos de distanciamento físico ou crises sociais. Plataformas digitais, grupos de mensagens e ambientes virtuais de aprendizagem podem funcionar como pontes para manter vivas as interações entre pais, escola e alunos, evitando o isolamento de qualquer uma das partes.

Por fim, a imagem das esferas sobrepostas também nos convida a pensar na formação docente como elemento-chave para sustentar essas conexões. Um professor preparado para interagir com as famílias, compreendendo sua diversidade, suas linguagens e seus desafios, é um facilitador dessa sobreposição. Investir na formação humana e comunicacional dos educadores é essencial para que essa articulação se realize de forma efetiva e sensível às realidades escolares.

3. CONCLUSÕES / CONSIDERAÇÕES FINAIS

A parceria entre família e escola é um dos pilares fundamentais para a formação integral do estudante. Quando há colaboração entre esses dois núcleos, cria-se um ambiente mais favorável ao desenvolvimento cognitivo, emocional e social da criança e do adolescente. A presença dos pais ou responsáveis no cotidiano escolar demonstra ao aluno que sua educação é valorizada, promovendo maior interesse, disciplina e autoestima no processo de aprendizagem.

A comunicação contínua entre educadores e familiares fortalece os vínculos e possibilita intervenções mais eficazes frente a dificuldades acadêmicas ou comportamentais. Essa relação de confiança mútua permite que as estratégias pedagógicas sejam alinhadas às realidades dos alunos, respeitando suas individualidades e contextos familiares. Assim, a escola deixa

de ser um espaço isolado e se torna uma extensão da vivência cotidiana do estudante.

Contudo, essa parceria ainda enfrenta desafios, como a ausência de tempo dos pais, a falta de políticas escolares que incentivem a participação familiar e, em alguns casos, a desvalorização do papel da escola por parte da comunidade. Superar essas barreiras exige ações conjuntas que aproximem as famílias do ambiente escolar de forma acessível, acolhedora e respeitosa. Projetos de sensibilização, escuta ativa e atividades integradoras são caminhos possíveis para construir essa aproximação.

É importante reconhecer que a parceria não significa apenas comparecer a reuniões ou eventos escolares, mas sim estar envolvido no processo educativo do aluno em diferentes frentes — no acompanhamento das tarefas, na valorização da leitura, na promoção do diálogo e no incentivo ao respeito e à responsabilidade. A família é a primeira escola da criança, e sua atuação contínua potencializa os efeitos da aprendizagem formal.

Por fim, entende-se que a construção de uma educação de qualidade passa, necessariamente, pelo fortalecimento da relação entre escola e família. Essa união contribui não apenas para o rendimento escolar, mas também para a formação de cidadãos mais conscientes, participativos e preparados para os desafios da vida em sociedade. Investir nessa parceria é investir no futuro educacional e humano de cada aluno.

4. REFERÊNCIAS

- ALVARENGA, P., PICCININI, C. A. Práticas educativas e problemas de comportamento em Pré-escolares. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 14(3), 449-460. 2001.
- AMAZONAS, M. C. L. A., Damasceno, P. R., Terto, L. M. S., & Silva, R. R. (2003). Arranjos familiares de crianças de camadas populares. *Psicologia em Estudo*, 8(especial), 11-20.
- ANANIAS, M. Propostas de educação popular em Campinas: "aulas noturnas". *Cadernos do CEDES*, 51, 66-77. 2000.
- BAKER, A. J. L., KESSLER-SKLAR, S. K., PIOTROWSKI, C. S., PARKER, F.L. Kindergarten and first-grade teachers' reported knowledge of parents' involvement in their children's education. *The Elementary School Journal*, 99, 367-380. 1999.
- BARTOLOME, P. I. The changing family and early childhood education. *Childhood Education*, 57, 262-266. 1981.
- BATISTA, Natália Lampert et al. Caracterização das turmas de atuação do PIBID Geografia UFSM (2019): Conhecer para planejar a prática pedagógica. *Vivências*, v. 15, n. 29, p. 27-42, 2019.
- BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.
- BENCINI, Roberta. *Revista Nova Escola*. São Paulo: Abril, 2003.
- BERGER, P.; LUCKMANN, T. A construção social da realidade. Petrópolis: Vozes, 1983.
- BOLSONI-SILVA, A. T., MARTURANO, E. M. Práticas educativas e problemas de comportamento: Uma análise à luz das habilidades sociais. *Estudos de Psicologia*, 7(2), 227-235. 2002.
- BRANDT, R. On parents and schools: a conversation with Joyce Epstein. *Educational leadership*, n 47. p 7-24. 1989.
- BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm> Acesso em: 17 fevereiro, 2025.
- BENCINI, Roberta. Como atrair os pais para a escola. In *Revista Nova Escola*. p.38. Ano XVIII, nº 166, Outubro de 2003.
- CARVALHO; Santos. *Revista de Geografia (Recife)* V. 40, No. 2, 2023. Disponível em:

<https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/revistageografia/article/view/259262>

DE MENDONÇA, Jefferson Ricardo Balbino; ARAÚJO, Maria Cristina Cavalcanti. A prática pedagógica do professor de Geografia na sala de aula e na escola:: um relato de experiência no estágio supervisionado II em uma Escola Pública de Ensino Médio. REVISTA FACULDADE FAMEN| REFFEN| ISSN 2675-0589, v. 5, n. 2, p. 132-141, 2024.

FREIRE, Paulo. Professora sim, tia não. Cartas a quem ousa ensinar. São Paulo, Olho d' Água: 1997.

JÚNIOR, Manuel Fernandes França. PRÁTICA NO ENSINO DE GEOGRAFIA. Revista Foco (Interdisciplinary Studies Journal), v. 16, n. 5, 2023.

KREPPNER, K. (1992). Developing in a developing context: Rethinking the family's role for children development. In L. T. Winegar & J. Valsiner (Orgs.), Children's development within social context (pp. 161-179). Hillsdale: Lawrence Elbaum Associates.

Kreppner, K. (2000). The child and the family: Interdependence in developmental pathways. Psicologia: Teoria e Pesquisa, 16(1), 11-22.

MARANHÃO, Magno de Aguiar. Educação brasileira: resgate, universalização e revolução. Brasília, Plano: 2004.

MARCONI, Marina de Andrade e LAKATOS, Eva Maria. Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisa, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2007, 289 p.

MITTLER, Peter. Educação Inclusiva: contextos sociais. Porto Alegre, Artmed: 2003.

REIS, Risolene Pereira. Relação família e escola: uma parceria que dá certo.

Mundo Jovem: um jornal de idéias. p. 06. Ano XLV –nº 373 - Fevereiro de 2007.

SZYMANZKI, Heloisa. A relação família/escola: desafios e perspectivas. 1ª reimpressão. Brasília, Plano Editora: 2003.

ZAGURY, Tânia. O professor refém: para pais e professores entenderem por que fracassa a educação no Brasil. Rio de Janeiro, Record: 2006